

O FIM...

MARCELLO SALVAGGIO

VALERIO ODDIS JR

O FIM...

Livro 1

O FIM...

Livro 1 – Kali Yuga

Copyright © 2012 *by* Marcello Salvaggio & Valerio Oddis Júnior

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão dos autores.

Em um lugar fora do espaço e em um tempo além dos ponteiros, os três Seres ou se encaravam ou olhavam para o buraco negro e amorfo que se estendia, sem delimitações, para além do vidro cristalino adiante.

Atrás havia colunas e paredes prateadas, telões luminosos e espelhos que refletiam todas as Suas formas possíveis, visíveis e invisíveis, em jogos intrincados de cor, sombras, luz e substância.

A Sabedoria viu a luz dourada de contornos vermelhos emanar de seu núcleo, passar através do vidro e mergulhar na escuridão; similarmente ocorreu com o Poder e seu feixe azul-violeta, estreito em comparação com o da companheira, porém mais veloz e impactante, feito um relâmpago; o da Prosperidade foi rápido e fino, rosa e anil, fertilizando o espaço para gerar os primeiros globos dotados de vitalidade.

Contudo, estas emanações logo desapareceram, imiscuídas às sombras. Sem que aqueles que as haviam originado se fossem: adormeceram, introduzindo-se em caixões quase transparentes, como câmaras de animação suspensa, com suas tampas de cristal fechadas; sem deixar de manter vivas as ligações pelos canais caudalosos da Consciência.- do capítulo IV de A Profecia Universal: Interdependência.

EPISÓDIO 1

Renascimento

I

Já fazia muitas horas que estavam naquela cidade devastada.

O surpreendente era ver, entre os patrulheiros uniformizados em azul e preto, uma criança. Um menino com uma aparência de cerca de dez anos. Tossia e ofegava.

- Vamos lá, Godric! Por acaso quer ficar para trás? - Falou a mulher que estava perto do garoto. - Não vamos resgatá-lo se isso acontecer.

- Eu estou indo. - Respondeu o menino, com um olhar de lampejo indignado. Estivera curvo. Endireitou-se.

A situação preocupava, pois a energia de suas armas praticamente se esgotara. Precisavam encontrar um posto onde recarregá-las antes que os inimigos reaparecessem.

Aquela cidade outrora apresentara vastos jardins e parques. Fossem estes integrados às nervuras urbanas, fossem ilhados nas águas ou suspensos no céu. Alguns abobadados, outros cúbicos, cilíndricos ou abertos. Agora arrasados, com uma névoa tóxica a dominar o ambiente.

Godric olhou para o alto após ouvir um silvo agudo. Em alguns momentos ainda se viam veículos semelhantes a mariposas metálicas, pretos, brancos ou coloridos, passarem em alta velocidade sobre lisas e largas pistas semitransparentes suspensas no céu. Deslizavam sem rodas, sobre colchões de ar sustentados por campos de força, a poucos centímetros acima do solo que percorriam. Evidente que estavam com muita pressa.

O susto veio a seguir: um míssil, proveniente não se sabia de onde, explodiu um dos carros. Os destroços despencaram e a

mulher puxou o garoto para mais perto de si. Os dois foram ao chão e se salvaram por muito pouco.

- Preparem-se! Chegaram mais deles!- Gritou o homem que devia ser o líder daquele grupo. O único a ter um golfinho dourado encravado do lado esquerdo do peito. Os dos demais eram prateados, inclusive o da mulher.

Ficaram a postos com suas armas, fuzis que, apertado um botão lateral, passaram emitir uma luz avermelhada. A mulher reergueu Godric consigo e se juntaram à formação: um círculo.

- Não está com medo agora, está? - Perguntou ao menino.

- Claro que não.- Ele respondeu sem titubear. Mas estava.

- Ali!- Gritou o comandante. Apontava para um gigantesco robô humanoide, com grandes turbinas nas costas, que surgiu no alto, destruindo a pista em seu caminho.

Todos atiraram. Os raios laser atingiram o robô, que, no entanto, não sofria danos visíveis e foi descendo. Talvez possuísse alguma espécie de campo de força. Um compartimento se abriu em seu peito e mais um míssil foi disparado.

A explosão parou acima do grupo. Apesar do choque ter derrubado Godric, afora o estrondo, como se o céu fosse rachar e desabar, seguiram intactos. Um campo de proteção também os envolvia, tornando-se visível como uma cúpula de vidro.

O líder estava agora com os olhos fechados. Uma luminescência branca se espalhava a partir de sua testa. Era dali que o campo protetor era emanado. O robô, enquanto isso, pousou em meio à fumaça.

Ao vê-lo mais de perto, assustava ainda mais. Talvez fosse do tamanho de um prédio de dois andares. Todo constituído em metal cintilante.

“Eu não deveria ter medo. Mas não consigo evitar...”, o pensamento de Godric, que desta vez juntou forças para se erguer sozinho. A mulher lhe dera as costas e voltou a atirar junto com os demais, menos o comandante, que se mantinha

centrado na defesa. Os disparos de seu grupo podiam passar pela sua barreira, que, no entanto, aos poucos rachava com os mísseis e tiros do inimigo. Algumas balas caíam bem à frente. Menos mal que o robô também apresentava falhas em sua defesa. Finalmente os lasers passaram a danificá-lo.

Antes que ficassem desprotegidos, um dos soldados percebeu que era hora de usar a arma presa às suas costas: uma pequena bazuca, que disparou uma espécie de míssil fatal para o oponente. Atingindo-o bem no centro, fez com que despencasse enquanto explodia.

O comandante pôde desfazer o campo de força. Mas naquela hora foi ao chão, esgotado. Claramente se esforçara muito.

- Pai!- O menino veio em sua direção, desvencilhando-se dos que estavam à frente.

Godric já testemunhara outros feitos incríveis de seu pai, o general Baldric Hutaker. Como na ocasião em que com sua psicocinese fizera a arma de um soldado inimigo saltar de suas mãos. Para em seguida atirá-lo a uma grande distância, sem sequer um movimento do corpo, mantendo os braços cruzados.

Na sequência, outros que estavam à sua volta não conseguiram sequer se aproximar. As ondas mentais do general criavam um ar pesado. Causavam náuseas, enjoos, vômitos e desmaios nos que entravam nessa emanção psíquica ao mesmo tempo ofensiva e defensiva, que o menino vislumbrara como tremulações.

- É o suficiente por hoje.- Baldric sentenciou e pressionou com o dedo indicador o golfinho em seu peito.

A cidade estremeceu feito uma imagem na água afetada pela queda de uma pedra. Por segundos houve um conflito, predominando ora uma realidade, ora outra. Até que a realidade virtual desapareceu. Estavam de volta às paredes metálicas do salão de treinamento. Um lugar que mudava de aparência de acordo com a necessidade do dia, gerados cenários que

pareciam concretos. Tais como terrenos rochosos, montanhas, florestas, desertos e cidades.

- Ufa! Hoje tivemos bastante trabalho. Qual o nível que o senhor aplicou?- Indagou o homem que atirara com a bazuca.

- Hoje foi o nível máximo, Nilis.- Respondeu o general.

- E o senhor está bem mesmo?- Insistiu o filho.

- Estou sim, Godric. Não precisa se preocupar. Sei ir até o meu limite sem me explodir.- Respondeu o pai, enquanto se levantava com algum esforço.- Claro que a cabeça dói um pouco...

- E então? Gostou do seu presente de aniversário?- Perguntou a mulher, seguindo-se seu sorriso de lábios finos.- Você pediu um treinamento no nível máximo.

- Espera um pouco! Quer dizer que o pivete sabia que o treinamento seria puxado desse jeito e a gente não?- Inquiriu Nilis.

Os outros ali também estavam bastante surpresos e começaram a tecer comentários entre si.

- Vocês já têm idade para estarem preparados para qualquer coisa.- Replicou Baldric.

- Eu gostei sim. E muito. Mas é estranho.- O garoto respondeu, atraindo a atenção de todos.- Eu não deveria ter medo. Não é real.

- Mas o mais certo é que tenha medo. A experiência é projetada para isso. Para ser a mais real possível. Caso contrário, não serve para nada.

Godric acabara de completar sete anos. Mas, até pelo seu tamanho, muito maior do que a média da idade, não era raro que pensassem que tinha dez ou onze.

Encerrado o treinamento, jantou como não se lembrava de já ter feito e depois se retirou para dormir. Estava exausto. Não quis nem conversar mais. Como de costume, jogou-se sobre a cama arrumada. O que preferia a ter trabalho ao acordar de

manhã. *Manhã* esta que na Aquas, por convenção, começava às seis horas, enquanto que a *noite* às dezoito.

Considerava-se, nesta organização, que mesmo pequenos empenhos na infância e adolescência serviam como um treinamento de disciplina; e sua mãe, Frigg Hutaker, a única mulher que participara da simulação, não lhe concedia mordomias.

De todo modo, nunca sentia frio. Não fazia a menor questão de se enrolar nem ligava o aquecimento artificial quando a temperatura caía um pouco. Preferia dormir de bruços sobre as cobertas. Aquecia e confortava a única parte de seu corpo que precisava ficar mais acomodada, pela qual caso contrário poderia passar alguma friagem: relaxar o abdome trazia-lhe paz interior.

Não se tratava de uma posição casual; desde bebê tinha o sistema digestivo sensível, com pouco apetite nos primeiros tempos de vida. Contava, então, com suplementos para complementar o leite materno, único alimento de seu agrado.

O uso de estimulantes de apetite fora contínuo até os três anos e sofrera regularmente com enjoos e náuseas, seguidos de dores espasmódicas na boca do estômago, além de vômitos com mais frequência do que diarreias.

- Mãe, tô com dor de cabeça na barriga.- Queixara-se certa vez, sem que nenhuma causa orgânica fosse descoberta pelos médicos.

Emocionalmente, a criança também parecia sadia, quase sempre de bom humor, o que deixava no ar um mistério tanto para os pais quanto para os especialistas.

Como os antiácidos ministrados a princípio provocaram crises de constipação, seguiram-se doses cautelosas de medicamentos antieméticos, em comprimidos doces e coloridos que o divertiam.

FantasiOSO, imaginava homens albinos vestidos de branco, com os chapéus cônicos tão grandes quanto suas barbas e

cabelos de igual modo alvos. Perdiam suas cores naturais e transferiam-nas para as pílulas. Faziam esse sacrifício, abriam mão da vaidade, de ter um rosto corado, para ajudar as pessoas doentes.

Quando alguns professores lhe explicaram a realidade, ficara desconfiado e confuso. Continuava a preferir a sua *versão* dos fatos, que fizera seu pai sorrir quando a ouvira. Como raras vezes acontecia. O filho era das poucas criaturas do universo, talvez a única, a conseguir fazer ruir a gravidade de Baldric Hutaker. Uma verdadeira façanha que Frigg Hutaker não lograva. Talvez porque fosse ainda mais discreta. Sorria sempre com os lábios fechados.

O menino gostava de olhar para os dedos da mãe, que eram tão finos quanto seus lábios...Embora uma vez tivesse enfrentado um pesadelo no qual estes se alongavam sem parar, perdiam os ossos e se transformavam em tentáculos moles de carne humana, sem que a face dela fosse visível.

Sonhos sombrios e violentos, aliás, eram recorrentes durante o sono de Godric. Mas esperava não tê-los na noite de seu aniversário. Dormiu rapidamente, e teve uma outra espécie de sonho.

Neste, entrara em um caça espacial sem que ninguém soubesse. Resolvera dar uma volta pela atmosfera do planeta e no espaço próximo. Sem medo de encontrar uma nave inimiga. Se visse uma, combateria sem se importar com sua própria presença humana. Viver significava assumir o risco. Se de forma irresponsável, a escolha era sua.

Deleitava-se com o painel de controle, abrindo mão de todos os automatismos. *Pena* que fosse uma cabine imaginária e evanescente, que fora se desmanchando nas nuvens de Júpiter à medida que penetrava nelas. Derreteria entre os gases, fazendo o sonhador mergulhar num oceano bege e alaranjado. O onírico refletia as paisagens que mais vira: a Aquas era basicamente um *rio Oceano*, com milhares de construções espalhadas sobre

as águas. E Godric adorava nadar; o contato com a água aliviava seu estômago e mesmo numa piscina rasa ficava imaginando as profundezas.

Um ano antes tivera uma visão, a olhos abertos, no meio de uma aula de natação, de uma concha que se abria para lhe oferecer uma pérola violeta.

Quando se aproximara para pegá-la, esta emitira uma série de lampejos furiosos e uma descarga elétrica bem verdadeira, que por pouco não o fizera perder os sentidos. Precisara ser socorrido por seu instrutor para não se afogar na sequência.

Acordou com a recordação daquele dia, mais viva do que o sonho que acabara de ter. Nunca falara a respeito da *pérola* a nenhum dos colegas da sua idade ou de turmas próximas, até porque só sabiam falar besteira.

Estranhamente, contudo, não se abria sobre o assunto nem com seus pais, em quem confiava tanto. Dissera apenas que passara mal. Era como se *algo maior* o impedisse de revelar o que vira. Mas isso não fazia com que sentisse medo. Ao menos não no sentido de ser algo maléfico, perverso. Era uma espécie de temor que não exigia um entendimento externo. Que preferia o silêncio.

*

Entre nuvens alaranjadas e vermelhas, debaixo de um evanescente e irregular telhado de névoa branca, a Aquas, se vista de longe, poderia ser confundida e temida como uma das tantas tempestades espalhadas por Júpiter. Uma mancha predominantemente negra, pela qual reluziam lampejos azuis e que pouco ficaria por ali. Afinal, viajava com uma certa constância para não ter uma localização tida como fixa e assim garantir para si uma maior segurança.

Apesar da ausência de vida nativa, os colonizadores, nos últimos anos, haviam tido que se acostumar à presença de visitantes alienígenas de origem desconhecida.

Não que esta fosse a ameaça que pairava. Estes *hóspedes* eram membros de uma espécie pacífica, embora esquiiva. Não faziam contato e em geral, quando seguidos, desapareciam entre as brumas sem deixar rastros.

Batizados de “medusas jupiterianas”, assemelhavam-se um pouco a águas-vivas e também a balões de gás amarronzados, variando entre dez e cem metros de extensão. Especulava-se que os menores não fossem adultos e, pelo pouco que se descobrira, obtinham energia do metano, do amoníaco e do vapor d’água, enquanto se locomoviam com alguma graça e rapidez.

Uma inigualável capacidade de camuflagem, que não só os confundia com o ambiente como disfarçava qualquer sinal de sua presença, era um de seus maiores trunfos; mas um grupo de nove se fez bem visível ao passar sem receios perto da Aquas. Tudo indicava que não sentiam a menor hostilidade por parte daquele planeta, que, com o tamanho de meia lua da Terra, tratava-se de uma das metrópoles flutuantes de Júpiter remanescentes do Império que governara o sistema solar. Que, como outras, sofrera com o quase total abandono após a queda do antigo regime.

Fora, no entanto, reaproveitada por uma facção de rebeldes marcianos; que ali se julgara mais segura ou ao menos mais difícil de ser encontrada.

Seu nome se devia à capacidade de reciclar a água contida nas nuvens de Júpiter para abastecer seu interior. E não fora a única ocupação efetuada por aqueles rebeldes, que tomaram diversas estações orbitais pelo planeta. Construções cilíndricas, de diâmetros que variavam entre um e nove quilômetros, blindadas contra radiações, e que continham indústrias de diferentes gêneros, de usinas nucleares a montadoras de naves

espaciais. Constituíam a outra parcela da organização, com robôs e computadores que as dirigiam de perto, regulados à distância, da sede, por técnicos e engenheiros que as visitavam eventualmente. Seu sistema de simulação de gravidade baseado na rotação. Ou seja, as próprias estações e seus anéis, quando os tinham, giravam constantemente de maneira a simular a força gravitacional pelo efeito centrífugo em suas partes internas.

Esse sistema consumia pouca energia, uma vez que bastava o impulso inicial e então o giro seguia por inércia. Enquanto que para detê-lo o processo costumava ser um pouco mais lento.

Não se tinha ali uma tecnologia das mais novas para simular uma gravidade idêntica ou quase à da Terra. Pelo contrário, pois remetia aos primeiros séculos da conquista do sistema solar.

A tecnologia da Aquas era bem mais rara em naves, mais dispendiosa e mais recente. Empregada primeiro em planetas e luas – em processos de terraformação –, e só depois em trajes e veículos espaciais. Desde o começo nos que entraram em planetas gasosos, porém a princípio não para gerar uma gravidade interna, e sim apenas para criar campos de proteção, ainda muito utilizados, contra a pesada gravidade desses imensos orbes.

Tal tecnologia se baseava em pequenos geradores espalhados pela nave, a quantidade variando de acordo com o tamanho desta (e um maior número necessário para a gravidade simulada do que para os campos protetores).

Estes geradores emitiam vetores de interferência nos grávitons, as partículas subatômicas de transporte da força gravitacional.

Uma outra cidade flutuante que seguia esse mesmo sistema em Júpiter, só que em posse do governo terrestre, era a cinzenta prisão de Efastion, para onde eram conduzidos prisioneiros políticos de menor relevância.

Lá não havia lugar para o ócio. Após seus julgamentos, os condenados eram levados todos os dias para trabalhar durante horas em estações industriais paralelas, com destaque para as voltadas à produção de polímeros e à montagem de espaçonaves.

Utilizava, assim como a Aquas, um plasma acelerado por fusão nuclear como combustível, além de aproveitar a energia do Sol. Seu núcleo esférico o presídio propriamente dito. Cujas sombras, entretanto, não assustava o general Baldric Hutaker... Afinal, ele sabia que, em caso de fracasso, a morte seria sua única sombra, que permaneceria com ele estendido ao solo.

- Você já se perguntou como vai morrer?- Naquele momento, estava de pé diante da janela que mostrava a bela cidade interna da Aquas, que existia encoberta pela casca visível no exterior.

Os prédios finos, vítreos e altos, negros, azuis e verdes, eram massageados pelas ondas suaves daquele mar sobre o qual se achavam suspensos, acessíveis entre si por meio de aeronaves, navios, submarinos e pontes espelhadas.

Baldric gostava de sobrevoar as águas límpidas, que refletiam qualquer veículo que passasse sobre elas, e do clima aprazível, com dias sempre claros a não ser nos períodos chuvosos, quando a temperatura às vezes caía um pouco, e ausência de noites escuras graças ao céu e ao sol artificiais, com mínimas excursões térmicas.

Uma pena que não fosse possível conduzir uma terraformação de Júpiter! Como não especular sobre como seria um planeta tão imenso à disposição da humanidade? Talvez o ser humano não merecesse tal dádiva e por isso o universo era como era. Precisava se conformar em viver em um orbe artificial.

- Não. Prefiro pensar em como nos mantermos vivos.- Frigg Hutaker estava estirada no sofá, de uma tonalidade dourado-esbranquiçada assim como as paredes, o chão e o teto, formados por azulejos plásticos lisos e resistentes.- Pais

inclusive deveriam ser proibidos de morrer até os filhos ficarem bem crescidos. Ou até que *eles* tenham cabelos brancos.

- Você, adiando as coisas?

- Por acaso o treinamento de hoje afetou mesmo a sua cabeça?- Havia um som de fundo. Mas nada a que não estivessem habituados: na cozinha anexa, alguns robôs flutuantes, sustentados por colchões de ar, limpavam os pratos e panelas da janta com um detergente que dispensava água e absorvia na hora qualquer sujeira.

- Fazia tempo que não nos exercitávamos no nível máximo. E nosso desempenho me fez pensar se em uma situação real sobreviveríamos. E se aparecessem *dois* daqueles robôs?

- Acabaríamos com ele também. Do que você realmente está com medo, Baldric?- Ela resolveu se sentar.

- Andei sentindo muita dor de cabeça nos últimos tempos. Então resolvi fazer alguns exames.

- Você não me disse nada.

- Não achei que fosse preciso. Mas pelo visto será.

- Fale de uma vez, Baldric.

Enfim voltou a encarar a esposa. Ao franzir a fronte, eram ainda mais nítidas as rugas em sua pele desgastada, que um pouco escondiam os olhos azuis.

- Estou com um câncer no cérebro.- Ao ouvi-lo pronunciar estas palavras, Frigg se deu conta de que nunca notara o quanto era grave a voz daquele homenzarrão de um e noventa.

- Você tem abusado nos exercícios de desenvolvimento psíquico.- O olhar em suspenso daquela mulher alta e compenetrada, de longos cabelos pretos e íris da mesma cor em contraste com a tez pálida, podia, se superficialmente observado, aparentar distância, mas irradiava presença.- Talvez seja isso.

- Não há nenhuma relação comprovada entre o desenvolvimento do parapsiquismo e tumores no cérebro.

- Mas já ouviu falar de pesquisas sobre. Com certeza, porque eu já li a respeito. Sobretudo quando são relatados casos de excesso. Podemos não estar treinando tanto no simulador, mas quando você se fecha para treinar às vezes passa horas. Está sim forçando o seu cérebro.

- Porque a qualquer momento poderemos precisar.

- Não terá adiantado nada se você morrer! Por que então não cobra mais de mim, e dos outros? Você é um general. Precisa saber colocar o peso nos ombros dos outros também. E como pode estar tão tranquilo? Você nem sequer acredita em vida depois da morte!- Ela saiu do sofá e foi até ele.

- Realmente não acredito. Uma vida apenas já é tão rica e ao mesmo tempo tão sofrida, com tantos prazeres, pensamentos, sentimentos, dores! Para que mais outra? Não vejo a menor necessidade de repetir. Deus não é um papagaio, se ele existe. É um imenso organismo, como nós, que tem início, quando o universo surge, meio, atualmente, e fim, quando o universo morre. É o cérebro do universo.- Sua mão deslizou até seus cabelos, que chegavam à base do pescoço, volumosos e repicados; assim como a barba grossa, precocemente brancos. Os primeiros fios grisalhos haviam despontado quando tinha apenas vinte anos; e aos quarenta a brancura era total.- Acredito que Deus tenha inclusive uma residência física, como nós temos o nosso cérebro em nossa caixa craniana. Falta descobrir o crânio do universo. E, se existem outros universos, cada um deles deve ter de certo modo seu *deus*, que é finito como cada um de nós. Nada se repete.

- Você mesmo disse que a vida é rica. E eu não vejo pobreza nenhuma na possibilidade de renascimentos. Em uma única vida não exploramos todas as riquezas possíveis dos mundos. Não esgotamos nossas chances. Fazemos escolhas que poderiam ser completamente diferentes. Podemos nascer em bilhões de mundos distintos; e veja que não falei em reencarnação. Afinal, seria um equívoco se limitar à carne.

Podemos renascer em universos com tipos de corpos e materiais distintos em tudo. Talvez a realidade que chamamos de espiritual não passe de um outro estado da matéria, mais sutil, no qual podemos renascer.

- Se é como você diz ou como eu digo, hoje não há como provar. É uma discussão estéril. Assim como é estéril pensar que vou morrer em breve...Preciso encontrar outro jeito de morrer.

- Não é possível que, com tantas curas que já foram encontradas, ainda não tenhamos uma salvação certa e segura para essa maldita doença...- Ela balançou a cabeça e apertou os ombros dele com uma ternura raivosa.

- Talvez já tenha sido encontrada...E perdida. Nós já perdemos tanto...- Suspirou.- Mas pelo que ainda temos, precisamos ser gratos. Só estamos aqui porque um dia nossos antepassados pensaram no futuro, se deram conta que a limitação de permanecer em um planeta, aprisionados a ele, poderia significar a extinção. Bastaria um meteoro. Ou um colapso ecológico definitivo. Mas nós estamos aqui, graças a essas pessoas. E teríamos que agradecer a elas todos os dias. Só que as esquecemos.

- Um dia também seremos esquecidos.

- Não pelo Godric. Ainda não perdemos.- E suspirou.- Acho que estou proibido de morrer.

Frigg o fitou por alguns segundos em silêncio antes de se beijarem, com os braços dela crescendo e deslizando pelas laterais de seu corpo. Ao tocá-los, Baldric tinha a impressão de serem serpentes esbeltas, com mais de uma cabeça. Cada dedo podia ser uma. E de cada unha saía uma língua ciciante, palpitando de toque, com uma ansiedade sem pausa.

A boca de Frigg se avultou sobre a sua e ele apertou um botão em forma de V ao lado da janela para alterar a aparência do cenário, transformando-o em uma sala vermelha de cortinas azuis. Um ambiente fechado e escassamente iluminado, repleto

de almofadas e recantos estofados. Haviam chegado a um consenso macio.

*

Dias depois, Baldric precisou comandar mais um confronto no espaço e na atmosfera de Júpiter contra espaçonaves do governo terrestre. O intuito era mantê-lo o máximo possível enfraquecido no maior dos planetas do sistema, bloqueando a invasão a todo custo.

Como outras naves-mães e cidades siderais, a sede da Aquas servia sobretudo para abrigar e transportar uma tripulação – civil e militar – e recursos. Não era preciso que interferisse nos combates. A não ser em ocasiões de grande ameaça e perigo, como se outra nave-mãe viesse com a intenção explícita de causar uma destruição em massa. Em situações do gênero, podia ser ativado seu canhão desintegrador, cujo disparo fazia as moléculas das naves inimigas perderem coesão no nível atômico. Reduzia, portanto, qualquer material a partículas de hidrogênio. Uma arma que exigia uma grande dose de energia inicial, sustentada por geradores de fusão nuclear.

Não foi o caso de empregá-la contra a nava inimiga que naquele dia se aproximara do imenso orbe gasoso. Esta do formato aproximado de um cilindro semitransparente constituído por dezenas de outros menores em elo, cada qual um de seus setores.

- Vieram para espionar e enviar ataques contra nossas estações industriais.- Mas não que Baldric Hutaker e seus subordinados precisassem ir diretamente de encontro ao invasor.

Os controladores das naves menores permaneciam sempre dentro das naves-mães. Aliás, não havia nenhuma pessoa nesses veículos. Somente computadores e robôs. Após seguidos apelos humanitários ainda nos tempos do Império, fazia

séculos que se considerava irracional e perigoso que fosse enviada tanta gente para mortes quase certas.

Nas salas de controle, portanto, o general ficava durante a maior parte do tempo de braços cruzados e transmitia as ordens calmamente, ou com aparente calma. No aspecto positivo, considerava as batalhas espaciais corriqueiras menos violentas e desumanas do que outros tipos de conflitos que já presenciara ou a respeito dos quais estudara. Isso apesar do olhar turvado a cada nave perdida.

Graças a sensores e armas de longo alcance, as naves de patrulha da Aquas possuíam a capacidade de detectar e hostilizar suas rivais muito antes de qualquer contato visual. Assim, tinham captado a presença de naves menores do governo terrestre, roxas e cinzentas, opacas, de formato discoide, quando estas ainda não haviam despontado na atmosfera jupiteriana, avisando o comando da Aquas.

Era importante acertar logo os primeiros disparos para desestabilizar o inimigo. Com o plano de começar por prejudicar a linha de proteção da nave-mãe hostil. Constituída por diversas naves defensivas que se encontravam milhões de quilômetros além. Para isso, partiram lasers de alta potência, capazes de alcançar milhares de graus de temperatura, invisíveis no espaço, e algumas naves de proteção foram seriamente danificadas ou mesmo destruídas.

Já algumas naves ofensivas da Ditadura continham embutidos aparatos semelhantes a tubos, que sugavam a energia de outras naves quando conseguiam surpreendê-las, especialmente naves-mães e estações. Também podiam introduzir máquinas de combate dentro destas, grudando feito sanguessugas para a invasão ser efetuada. Estas foram os alvos seguintes, por pairarem feito abutres metálicos ao redor das fábricas da Aquas.

As que tiveram condições de resistir ao primeiro tiro revidaram derretendo ou despedaçando com seus próprios disparos alguns dos caças espaciais da organização.

Para maior proteção, foram utilizadas naves-escudos. Estas eram brancas, capazes de resistirem durante um tempo mais longo aos ataques das oponentes por se caracterizarem por uma menor absorção de calor, embora fossem facilmente perceptíveis a distâncias bem mais consideráveis.

Empregaram-se também naves de rastreamento: negras porque naves escuras eram naturalmente mais furtivas, ainda que mais sensíveis ao calor.

As primeiras acompanhavam de perto os caças, ao passo que as segundas foram enviadas além para efetuar um reconhecimento mais preciso das forças inimigas.

As defensivas lançavam mão de escudos, como sugeria seu nome: os sólidos funcionavam feito grandes *guarda-chuvas* de um material espelhado, abrindo-se para maior proteção; ao derreterem após alguns disparos, ainda resguardavam a nave por tempo suficiente para permitir um contra-ataque.

Também havia os escudos que eram nuvens gasosas, densas ou ionizadas, que absorviam o calor dos disparos. Afora espumas de pequenas partículas espelhadas que com o tempo se dispersavam, assim como de certa forma ocorreu aos invasores após provavelmente se darem conta que a situação se tornava perigosa, que sua nave-mãe poderia correr riscos se o confronto se prolongasse.

“Uma questão humanitária...Mas o câncer é humanitário? Se eu estivesse dentro de uma dessas naves, seria mais rápido.”, mas Baldric procurou afastar esse pensamento, preferindo se centrar na vitória obtida, felicitando todos os controladores ao término da batalha.

*

Os sonhos e pesadelos de Godric vinham se tornando mais nítidos após seu último aniversário.

Em um destes, havia uma mulher de vestido branco e decotado que parecia manchado de fuligem, tentando escapar da destruição de uma cidade parecida com a simulada na sala de treinamento da última vez que lá estivera.

Ela deixava os braços, o pescoço e os pés quase albinos descobertos, estes últimos calçados com sapatilhas ainda claras, enquanto as mãos estavam pesadas. Carregava consigo uma pequena caixa cúbica e dourada, que irradiava luminosidade. Abraçava-a como se fosse um tesouro, ao mesmo tempo que, com esse gesto de proteção, barrava parte da claridade emitida.

Terror e devastação prensavam a luz; a toxicidade e a violência, invasivas, corroíam a noite, brumas sujas engolindo os prédios e as casas, sem o mínimo sinal de chuva. Alastrava-se uma secura ácida, com no céu aeronaves pontiagudas a rasgarem a noite em alta velocidade antes de desaparecerem. Godric tossiu, mas ela não o via nem o ouvia. Até porque ele ora estava acima, ora ao lado, ora abrangia tudo. Não era uma criança. Nem um ser humano. Era mais uma entidade, o que não parecia nada absurdo.

Entre os defensores da cidade, que não eram gente da Aquas, uns ordenavam e outros agiam. Estes últimos de cabeças baixas. Centenas, sem rostos, pereciam e apodreciam de costas, sem nem uma santa gota d'água solitária para lavar seu sangue.

Em meio aos tiros e explosões, edifícios inteiros derrocavam pela ação de bombas cadentes; e apesar dos estrondos Godric podia ler pensamentos e sensações dos que fugiam. A maioria tinha fome, sede, cheirava a óleo e só pensava na engrenagem do dia seguinte, até que uma imensa mão de ossos de chumbo, com veias e artérias de aço fundido saltadas para fora e pele de

alumínio, sombreada por um olho cibernético, surgiu de repente, para apalpar o mundo com frieza e, num gesto sombrio, capturar todas as suas almas. Godric a viu claramente, existia ali numa condição parecida com a dele, e teve vontade de soltar um grito antes que ela desaparecesse. Mas algo mudara: tornou-se a misteriosa mulher de branco, que, em contraste com as trevas e a fumaça, avançava na mais alta velocidade, a tentar ignorar, embora com algum tremor, tudo o que se achava à sua volta. Mantinha em mãos sua pequena caixa, elemento luminoso que a destacava da noite com ainda maior intensidade, por mais que procurasse ocultar. Aonde, afinal, queria chegar? E o que de tão precioso aquele recipiente continha?

Entrou em uma nuvem amarronzada, espaçosa e amorfa, na qual os gritos, silvos e estrondos de guerra foram ficando distantes. Bem abafados. Até desaparecerem e darem lugar a um silêncio pesado. A um desassossego mudo e incerto, o desregulado gerador de uma asfixia. Algo, a qualquer momento, poderia surgir. Do nada. Do imponderável.

Ouviu passos. Maciços. Metálicos. Ricocheteantes. Pertenciam a algum dos agressivos *robôs* invasores?

Uma sombra de forma indefinida surgiu, no meio do nevoeiro, alguns metros à frente. A mulher deixou a caixa cair.

O vulto avançou em sua direção e, aos poucos, assumia o contorno de um homem; porém de um indivíduo gigantesco, que devia ter duas ou três vezes o tamanho de um ser humano.

Tremendo e sem conseguir sequer balbuciar, viu duas luzes amareladas surgirem na cabeça do suposto inimigo. Bastou observar bem para descobrir que eram seus olhos, e então venceu a paralisia momentânea e tentou fugir.

No entanto, ao dar as costas ao desconhecido e correr, levou dezenas de tiros quase que de imediato. Não notara que o sujeito carregava uma arma, com boas chances que se tratasse de algum tipo de metralhadora. Sem tempo de emitir qualquer

som, sequer um último suspiro, despencara no chão com a parte traseira do corpo esstraçalhada e os olhos arregalados.

A caixa dourada que continuava intacta. O gigante ignorou a mulher que abatera e foi observar o objeto. Fitou-o durante alguns segundos.

Passado esse tempo, pareceu desiludido. Seus olhos ficaram opacos. Apontou a arma, que era sua própria mão, na direção da caixa. Sem nem mesmo abri-la, arrebentou-a em mil pedaços.

Longe, o céu ficava vermelho com o fim da batalha.

“.....”, numa sequência de tiros que inaugurava o dia.

*

Godric, após se sentir não mais como a mulher da caixa dourada, e sim, por brevíssimos instantes como aquele que a matara, despertou.

Estava gelado; nunca experimentara tanto frio antes. Principalmente na cabeça. O peito também gélido. Enquanto que apenas a barriga estava aquecida.

Este sonho pensou em contar aos seus pais. Até porque nas duas noites seguintes não conseguiu dormir, pensando no *homem* de olhos que eram um par de luzes amareladas. Chegou à conclusão, pela sensação que tinha ao refletir e recordar, que era o dono da imensa mão de ossos de chumbo.

O que, afinal, podiam ser os sonhos e pesadelos? Apenas fantasias? Não lhe parecia algo criado por sua imaginação. Era *verdadeiro* demais.

Talvez devesse se abrir primeiro com a mãe. O pai, nos últimos dias, parecia muito distante e preocupado. Deviam ser pesados os afazeres e responsabilidades de um general. Era melhor não incomodá-lo. Mas na noite antes de se decidir com

firmeza a conversar com Frigg, outro sonho chamou sua atenção.

Neste, achava-se em um pátio nas montanhas repleto de espadachins, onde se exercitava com companheiros desconhecidos sob a condução de um experiente mestre.

Teve a impressão de uma vivência plena, tão densa quanto e mais emocionante do que o cotidiano.

Ao reerguer as pálpebras, mais do que nunca precisava falar. Talvez providencial constatar que seu pai saíra mais cedo e que tomaria café da manhã apenas com sua mãe.

- Preciso falar sobre uma coisa.- Adiantou logo o assunto, antes de tocar na comida

- Nossa, mas que ar de urgência! O que aconteceu?

- Nada. Quer dizer, eu tive um sonho diferente.- Expôs o mais recente que experienciara, com uma vivacidade e um entusiasmo que iam bem além do vocabulário que possuía.

Frigg o escutou com toda a atenção, antes de lhe responder:

- Filho, a minha opinião não é a verdade absoluta, mas acredito em outras vidas, e que podemos em alguns momentos ter vislumbres delas. Como um chamado para nos darmos conta de algo maior.

- Maior? O que pode ser maior? E como assim outras vidas?

- Maior no sentido de divindade, transcendência. Um plano para a nossa vida, que talvez traçamos antes de nascer. A nossa alma traça. Com a benção de algo superior, que as pessoas costumam chamar de Deus. Eu não acho que estejamos aqui jogados ao acaso.

- É. Eu também acho que não. Tem que ter um sentido nas coisas. Ou então por que eu teria nascido? Deve ser pra fazer alguma coisa.

- E com relação a outras vidas, acredito tanto em vidas passadas, ou seja, em outras vidas que a nossa alma teve em épocas anteriores, como em vidas paralelas. Ou seja, em vidas

em outros universos. Talvez haja como um irmão gêmeo nosso em cada um deles.

Godric franziu o cenho. Aquilo era mais estranho do que considerar vidas passadas. A questão de existências pregressas, aliás, lhe remetia a uma estranha familiaridade. Já a possibilidade de um “outro eu” existir, em outro mundo, era um tanto perturbadora e o incomodava. Se outro eu existia, era mais verdadeiro do que o seu eu que no momento se questionava? Haveria um mais verdadeiro ou mais falso? A quem pertencia a alma? Ou a alma seria na verdade um ente multifacetado, como um pássaro com dezenas de asas distintas?

- Mas...Se existem outros eus nossos, então não são outras pessoas?- Foi o que perguntou.

- Não. Somos sempre nós. Só que com uma personalidade diferente. Até porque as experiências em vidas passadas e em vidas paralelas são sempre diferentes. Mas a essência é a mesma.

Saltou-lhe à mente o sonho com a pálida mulher de branco. Mas não conseguiu abrir a boca sobre ele. Novamente, como no caso da visão com a pérola, era como se *algo maior* o detivesse. Só que desta vez estava com medo. Não era a mesma coisa.

- Você e o papai costumam conversar sobre essas coisas?- O que conseguiu perguntar.

- Algumas vezes. Mas ele é mais cético.

- O que é cético?

- Ele é mais durão. Não acredita tanto em coisas que extrapolem demais a realidade que podemos enxergar.

- Mas nos sonhos a gente também vê.

- É verdade. Isso faz muito sentido, Godric.- Encarou o garoto, que não quis mais lhe perguntar nada de inusitado e, a partir daí, depois do silêncio tentar se impor, falaram sobre coisas corriqueiras.

Seu filho, no futuro, talvez fosse lhe proporcionar conversas mais satisfatórias do que as que tinha com Baldric. Mas também ainda queria ter muitas outras conversas com o marido, nos anos que transcorreriam.

À noite na cama, relatou-lhe o que Godric lhe contara.

- Não acho que seja nada de mais. São só sonhos. Se o cérebro pode produzir alucinações muito intensas a olhos abertos, também pode produzir sonhos vívidos.

- É verdade. Talvez você esteja certo.

- Você me dando razão nisso?

- Não dei razão nenhuma. Apenas considerei como uma possibilidade. Mas existem outras: as que você nunca cogita.

- Já tenho coisas demais para cogitar. Vai ver por isso que a minha cabeça não anda boa.- Ficaram quietos, enquanto ele levava a mão à testa, antes de prosseguir:- Preciso passar um pouco mais de tempo com o meu filho. Talvez isso possa ser mais eficiente como terapia do que quimioterapia ou nanomáquinas.

Frigg fitou os olhos firmes do marido, que tentavam ocultar um abatimento. Preferiu fechar os seus e aconchegou-se junto a seu peito.

*

Aproximadamente dez anos mais jovem que seu marido, Frigg nascera na periferia de Alba, em Marte. Tendo perdido pai e mãe cedo, fora acolhida por Baldric na organização Força Principal, da qual ele era capitão na época, após uma violenta batalha entre rebeldes e o governo, que devastara parte da cidade. Em pouco tempo, os dois se apaixonaram e, desta união, nasceria o pequeno Godric.

Ainda se lembrava de como a noite descia pesadamente naquela fascinante metrópole, cujas estradas suspensas negro-cristalinas estavam repletas de carros de formas que lembravam

rosas deslizantes, com abaixo uma miríade de gigantescos edifícios largos e arranha-céus com centenas de andares e grandes cúpulas nos topos, acessíveis por meio de conexões em X. O preto, o translúcido e o transparente conviviam com luzes brancas e avermelhadas que faziam brilhar janelas e letreiros. Os prédios por dentro verdadeiras cidades, com lojas, jardins, residências e escritórios, num frenético movimento humano.

Marte estava dividido em doze distritos e contava 4 bilhões de habitantes. Alba, com seus mais de vinte milhões, uma das maiores áreas urbanas, era a capital de Longória, um dos distritos mais ricos.

Contudo, nos subúrbios da cidade, toda a beleza desaparecia. Oferecia-se, desdenhoso, um cenário seco, preenchido por areia rubra, mandacarus, cactos e estalagmites de rocha agressiva e vermelha, região onde moravam os trabalhadores mais pobres e onde Frigg viera à luz. Lembrava-se bem de como eram forçados a usar roupas adaptáveis por não terem dinheiro para comprar novas. Estas eram vestes de um plástico biológico, que se adaptava às mudanças nos corpos das pessoas, fazendo com que uma roupa de criança pudesse ser aproveitada no futuro, acompanhando-a no crescimento.

Godric nunca precisara vestir aquele tipo de roupa e ela se orgulhava disso.

Ele iria crescer, simplesmente. Não suas roupas.

*

Não raramente Godric se entediava com as aulas em sua turma. Era como se estivesse em um lugar que não lhe cabia. Onde o uniforme que vestia era apertado demais.

Houve um dia em que soube que haveria, em uma classe mais avançada, uma aula sobre a terraformação de Marte. Que era seu mundo por ascendência, de onde seus pais haviam vindo. Por isso, enquanto os corredores do colégio ainda estavam

cheios, decidiu entrar não na sua sala de aula, mas na turma de garotos maiores. Como eram cerca de cem na mesma classe, não o notariam; era o que acreditava. Afinal, era um garoto grande.

Quando percebeu que o menino que se sentara ao seu lado o estava encarando com curiosidade, refletiu apenas que já estava feito. Agora era esperar que não o denunciassem.

O começo da aula centrou-se na explicação que, séculos antes, a colonização do planeta vermelho ocorrera em três passos: o primeiro, a exploração dos satélites Deimos e Phobos, que permitira a descoberta de depósitos de gelo e minerais; o segundo, a construção das primeiras bases; e o terceiro a formação da colônia autossuficiente.

Para aquecer a atmosfera, uma das medidas primordiais, usaram-se enormes espelhos suspensos em satélites artificiais, que dirigiram os raios solares aos pontos onde havia gelo e água.

Complementando, provocara-se um aquecimento global com o tetrafluorometano de usinas nucleares instaladas em solo marciano, que emitiram 1000 toneladas de gás por hora durante 30 anos, o que proporcionara que muito do gelo fosse derretido.

“Tetrafluorometano...”, Godric nunca ouvira falar daquele elemento. Não era tudo que conseguia entender. Mas boa parte era sim compreensível. O assunto não o entendia.

Soube que a uma certa altura, quando já havia água suficiente, tivera início o cultivo de líquens e bactérias fotossintéticas, assim como a construção de cidades, fechadas em cúpulas para otimizar o oxigênio.

Quando as primeiras plantas cresceram, iniciara-se a conversão do dióxido de carbono da atmosfera em oxigênio, só que não se podia fazer como na Terra, onde sempre se permitira que as plantas mortas se decompusessem naturalmente, o que geraria mais dióxido de carbono. A solução encontrada fora o

recolhimento rápido dos vegetais e a destruição do lixo fora do planeta, até que se conseguisse modificar a genética das plantas de modo que produzissem uma quantidade ainda maior de oxigênio, minimizando as emissões de dióxido de carbono.

As bactérias nativas encontradas pelos primeiros aventureiros, por sua vez, continuaram em seu habitat, as rochas do interior do solo marciano, ao passo que a biotecnologia gerara fauna e flora adaptadas ao planeta.

Por causa da baixa gravidade nos primeiros séculos da ocupação, espalharam-se plantas e animais de grandes dimensões como as sequoias marcianas de trezentos metros de altura. Assim como os ariotangos, macacos de pulmões muito potentes e braços e pernas incrivelmente compridos e elásticos, que pareciam babuínos de pelo avermelhado do tamanho de orangotangos, porém de temperamento mais agressivo.

Godric esfregou as mãos ao ver imagens daqueles animais. Bem que gostaria de vê-los de perto, mas melhor ainda seria voar nas asas dos pacíficos fobodáctilos, que lembravam os extintos pterossauros, de asas membranosas alaranjadas, com envergaduras que passavam dos vinte metros e sim capazes de suportar o peso de um ser humano em seu dorso. Tanto que era comum montá-los em passeios turísticos, o que Godric pensou que pediria a seus pais para fazer quando um dia fossem para Marte. Um ponto especial o da região do monte Olimpo, com seus impressionantes 24 quilômetros de altura, pela qual se estendiam rios caudalosos e uma vegetação subtropical, exceção feita à gelada montanha e suas vizinhanças.

Também devido à baixa gravidade, os oceanos apresentaram no início ondas lentas, porém bem altas, com uma quase completa ausência de marés. Eram mares profundos, famosos por cetáceos como a baleia-azul marciana, mais longilínea do que sua parente terráquea.

Contudo, apesar dos interessantes ecos daqueles primeiros tempos, geradores de grávitons, espalhados por todo o planeta,

já haviam tornado a gravidade de Marte quase idêntica à da Terra.

Godric se distraiu por um momento para se perguntar como devia ser o clima. Tinha curiosidade de como seria morar em um lugar onde o céu escurecesse, pudesse simplesmente olhar para o alto e ver as estrelas, como já lera em livros, e onde fizesse frio. Atraiam-no as imagens de climas gelados. De repente se deu conta que a professora começava a falar a respeito:

- Por receber por volta de 40% mais energia solar durante seu periélio do que no afélio, pelo fato de sua órbita ser mais elíptica do que a da Terra, com o periélio coincidindo com o máximo do verão no hemisfério sul e o auge do inverno no hemisfério norte, isso resulta num clima ameno e mais primaveril para o norte, enquanto o sul passa por extremos de frio e calor.- Bem diferente das pequenas excursões térmicas da Aquas.

Ficou até o final da palestra, que dizia justamente respeito à questão climática.

Quando todos começaram a sair, tentou não chamar a atenção. Ao voltar à sua turma, alegou que se ausentara devido a uma dor de barriga e muitos riram, o que não foi exatamente do seu agrado, mas os moleques da sua idade eram assim. Riam por qualquer besteira.

*

Baldric mandara chamar Godric. O garoto estava apreensivo, porque era a primeira vez que ia falar com o pai não em casa, mas em seu gabinete de general. O que estava acontecendo? Na verdade, até imaginava o que poderia ser.

- O que você teve ontem, filho, que perdeu aula? Ou estou errado?

- Eu passei mal...

- Isso já sei. Foi a desculpa que deu para a professora, não é? Ela veio falar comigo. E o diretor também veio.
- Até o diretor? Mas eu só perdi uma aula!
- Ficaram preocupados com você. Dá pra perceber, não é?
- É...
- Agora com certeza alguns colegas seus estão rindo da sua dor de barriga. Mas mal sabem que dessa vez não tem nada a ver com isso.- Olhou bem nos olhos de Godric, que abaixou a cabeça.- Não está conseguindo me encarar. É porque está mentindo.- Godric voltou a erguer o olhar, e agora parecia um adulto, severo e quase soturno.- As câmeras pegaram você. Estava no meio dos maiores vendo uma palestra sobre a terraformação de Marte. Por que não disse a verdade?
- A minha turma às vezes me deixa entediado.
- Eu entendo. Até compreendo que você se sinta deslocado, diferente dos outros, e tenha interesse por outros temas. Mas deveria ter falado com a sua professora. Se ela não tivesse deixado, então que falasse comigo e eu autorizaria.
- Até lá a palestra teria terminado.
Baldric se aproximou do filho, sorriu e bagunçou seus cabelos com uma carícia forte.
- Pode ir agora. Mas não minta mais, filho.
- Tudo bem.
- Da próxima vez que tiver uma palestra interessante, eu que aviso você. Certo?
Desta vez Godric sorriu, enfim satisfeito com o que ouvia.

*

Algumas semanas transcorreram. Certa tarde, após voltar da aula, Godric se divertia *duelando* com o pai na sala. Claro que com espadas de brinquedo; a sua, cuja lâmina e empunhadura pareciam feitas de um cristal azul, ainda mais bonita do que a verde translúcida de seu pai, emitia luminescências da mesma

cor. E nestas viam-se imagens de criaturas que eram dilaceradas pelos golpes, como se fossem *aliados* de seu pai, que nesta situação representava o papel do inimigo.

A mãe observava a cena em uma cadeira confortável, um braço sobre uma perna e o outro com o cotovelo apoiado na mesa. Sorria à sua maneira característica, que era quase como permanecer séria, com um livro aberto à frente.

Fora do salão de treinamento, para o pai aquilo se tratava de uma brincadeira, de um momento de descontração. Mas para o filho, com o tempo, tornou-se definitivamente algo sério. Nada mais de risadinhas e sorrisos amigáveis trocados durante o duelo, como se se tratasse de um mero jogo. Era um combate real. Questão de *vida ou morte*.

Godric sonhava um dia ser o que o pai já era. Ou o que era ao menos para ele: um grande herói; o herói de todos que lutavam pela justiça na humanidade, pela sobrevivência e crescimento da Aquas.

Precisava se tornar um digno sucessor, e para isso era necessário se preparar da melhor forma. Ainda antes de dar início ao *duelo*, refletira sobre seu último desempenho no salão de treinamento, na ocasião de seu presente de aniversário, e concluíra que fora pífio. Precisava demonstrar ao pai que de alguma forma progredira. Antes de realizar uma nova sessão.

- Droga! Você me pegou, Godric!- Exclamou o pai, brincalhão, ao filho lhe atingir o abdômen com a ponta de sua temível espada, dissipando-se todas as estranhas figuras que restavam ao redor.- Acho que um dia vamos ter um novo rei Arthur por aqui.- Baldric permitira a *vitória* do filho.

Um *rei Arthur* era exatamente o que Godric pensava de seu pai. Enquanto que o general, ao menos naqueles instantes, deixava um pouco de lado questões políticas e militares para mergulhar em outro contexto.

Haviam lutado dias antes para proteger suas estações, capturar outras, e novos planos abrangiam libertar prisioneiros de

Efastion, conquanto a finalidade maior de Baldric Hutaker fosse consideravelmente mais ambiciosa: em questão de dois anos, libertar por completo Marte e na sequência Vênus, para então retornar à Terra e empreender a batalha decisiva.

- Quando eu crescer, não quero ser derrotado nunca.- Disse o menino, um intento profundo cravado em seus olhos negros, como se tivesse vencido uma batalha de verdade.

- Isso mesmo, Godric. Vontade é tudo! Com a vontade você pode fazer de tudo.- O pai largou sua espada.

- Tudo mesmo?

- É...Eu acho que tudo. Quase tudo.- Baldric completou, sorrindo, depois de hesitar por alguns instantes, aproximando-se para esfregar com uma mão os já desordenados cabelos pretos do filho. Realmente gostava de fazer aquilo no garoto.

De súbito, no entanto, a campainha tocou. Era Nilis. Godric franziu a fronte e ficou olhando para o pai enquanto este apertava o botão que abria a porta e autorizava a entrada. Frigg fechara seu livro sobre a mesa.

- General, desculpe-me pela invasão de privacidade.- Disse Nilis, diferentemente de Baldric, que estava à paisana, todo trajado em negro, a jaqueta espessa de uma espécie de brim com prateado apenas o símbolo do golfinho no peito.- Temos uma emergência

Baldric lhe disse para que prosseguisse, afastando-se de Godric. A passos lentos, na sua perspectiva. Bruscamente na do menino. O suor foi aumentando no pescoço e na testa do general, com dificuldades para não torcer o rosto em uma carranca.

Godric ficou no meio do tiroteio de palavras. Quando ia objetar algo, o pai fez um sinal para que ficasse quieto. O garoto obedeceu.

- Foi assustadora a maneira como essa nave-mãe entrou na Aquas.- Haviã visto pelas câmeras de monitoramento: microcâmeras voadoras que circulavam por toda a

organização.- A seguir espalhando naves menores. Enquanto algumas áreas estão sendo apenas sobrevoadas, e realizados desembarques de soldados e robôs, em outras o ataque já teve início. E nenhuma das nossas que lançamos se mostrou à altura até agora. Trata-se de uma tecnologia mais avançada do que qualquer outra que tenhamos visto antes.

- Quer dizer que o governo terrestre escondia mais...- Baldric refletiu que talvez tivesse subestimado o inimigo.

Seu rosto severo se voltou então para a esposa, que, ao compreender o significado de um olhar tão imperativo, levaria Godric para um dos quartos do apartamento. O menino inconformado por não poder ouvir mais da conversa dos adultos sobre o que parecia ser uma invasão da Ditadura. Queria perguntar muitas coisas, realmente não estava conformado, pois por várias vezes seu pai lhe falara que a Aquas era impenetrável. Que estavam seguros ali. Tanto porque mudavam constantemente de localização como pela força e resistência daquele complexo jupiteriano.

Quando levado embora por Frigg, protestou, chiou, esperneou; porém não havia outra saída. Não, não podia fazer tudo, por mais forte que fosse seu intento; seu pai mentira. Ou não: “Quase tudo...”, ricocheteou a voz na cabeça do garoto. Ao passo que Baldric e Nilis conversaram mais um pouco por ali e depois se foram.

Atravessaram corredores de cor cáqui e tomaram um elevador para chegar a uma sala branco-prateada. Lá havia um computador com um imenso telão, ao lado do qual se sentavam alguns técnicos, que cumprimentaram o general. Vestiam camisas de mangas compridas e calças azul-escuras, em um ambiente pouco mais frio do que do lado de fora, devido ao forte ar-condicionado. Um destes digitou um código e as imagens passaram a ser exibidas: um portal vermelho a princípio espiralado, e depois turvo, abria-se sobre o rio Oceano. Deste saía uma nave-mãe que lembrava, em seu

formato, a asa de um pássaro, negra com detalhes em vermelho e marrom, discernível na superfície desta o símbolo de um olho de veias saltadas no interior de um triângulo com a ponta voltada para baixo.

Após alguns segundos de imobilidade, liberou naves menores da mesma coloração. Como Nilis descrevera, algumas se limitavam a voar, pareciam realizar um reconhecimento. Mas outras, em áreas mais distantes de onde estavam Baldric e sua família, atacaram edifícios.

As naves de defesa da Aquas, ao tentarem confrontar aqueles caças, foram rapidamente percebidas, abatidas com lasers de uma potência assustadora, e, ao pousar na água, a nave-mãe lançava também navios e submarinos. Uma invasão sem precedentes estava tendo início.

- Não temos ideia de como, mas eles nos descobriram e conseguiram entrar, pelo que parece, por um sistema de criação de túneis espaciais.- Um dos técnicos se pronunciou.

- Mas se conseguem fazer isso, isso pode significar que talvez consigam viajar até para além do sistema solar. Como desenvolveram essa tecnologia?- Naquele momento, Baldric sentia uma tremenda coceira na barba, além de um calafrio lhe ter percorrido a espinha.- Quais são as medidas dessa nave?

- Não há como saber de que maneira, mas é realmente plausível que criem buracos de minhoca ou algo do tipo. Quanto às medidas, tem vinte quilômetros de comprimento por quinze de largura e quarenta metros de altura.

- E vagarosamente está se aproximando daqui. Poderia chegar logo, isso é certo. Mas parece que quer nos infundir alguma espécie de terror.- Disse outro técnico.

O general abaixou a cabeça. Mentalmente andava em círculos, apesar do corpo imóvel e das mãos cerradas. Nos porões de sua alma, sentia o bafo da morte. Quais suas chances? Como enfrentar um inimigo com tanta tecnologia, muito além da até então considerada plausível? Pelo visto, todas as lutas e

tentativas anteriores tinham sido vãs. Nunca poderia vencer a Ditadura, cujos recursos ocultos, com os quais não contara, deviam ser ainda maiores do que jamais imaginara.

Acompanhou pelo telão, com perplexidade, a impotência das forças que por tanto tempo julgara que lhe forneceriam toda a proteção e, por fim, a vitória. Não seria sequer feito prisioneiro. Não tinha dúvidas que sua presença e ações incomodavam demais, e aquela imensa asa negra provava isso.

Entre os robôs que espalhavam o terror pelas habitações, havia os *torres*, compridos e magros, de longos pescoços, braços finos e cabeças arredondadas. Disparavam com metralhadoras e fuzis a laser e plasma contra os civis que não tinham seus campos de força pessoais ativados naquele momento.

Também se viam os *executores*. Gorilas de aço e irídio, que saltavam de um lado para o outro lançando granadas normais ou radioativas, atiravam raios laser ou nucleares de suas bocas ou manuseavam lâminas afiadas.

As máquinas da organização, por sua vez, não tinham condições de enfrentar de igual para igual os soldados de elevadas capacidades parapsíquicas do lado inimigo. Eram desmontadas ou desativadas internamente por psicocinese, ou então derretidas pelos que possuíam poderes ígneos. Havia guerreiros que Baldric nunca vira antes, de armaduras vermelhas com retoques dourados, repletas de espigões, e capacetes fechados de topos arredondados, com pequenas aberturas apenas para os olhos. Estes indivíduos superavam com facilidade todos os homens e mulheres altamente treinados da Aquas.

De qualquer modo, não fugiria, mesmo diante das tentações internas, pois o combate que o aguardava, independentemente de sua sobrevivência, iria com toda a probabilidade transformá-lo em um grande exemplo. Caso ocorresse o pior para ele,

talvez fosse o melhor para a causa rebelde. Melhor do que morrer de câncer, sem nenhuma dúvida.

Era bastante conhecido, principalmente em Marte, seu mundo de origem. Viria a ser um mártir. Morreria; mas a memória do guerreiro corajoso e valente, que preferira a morte à covardia, permaneceria entre os vivos, substituindo à altura sua presença física. Um homem que abdicara até do convívio com a família em nome do futuro que pretendia para ela, para a esposa que amava e para o filho que cresceria ávido para expandir seus ideais e combater a Ditadura. Um futuro de esperança.

Resignado, abriu as mãos, que estavam gélidas. Depois de deixar os técnicos e antes de se preparar para o combate, voltou ao seu apartamento. Encaminhou-se para o quarto onde estavam Godric e Frigg. Era hora de colocar em ato uma despedida forçada. De comunicar o que decidira.

- Como vocês estão?- Perguntou ao entrar.

Os dois estavam de pé. Godric arregalou os olhos. Mas Frigg tratou de falar primeiro:

- Estou muito preocupada. Isso nunca aconteceu antes. A Aquas sob uma ameaça tão direta.

O menino encarava o pai de forma fixa. O adulto se desviava do olhar insistente.

- Vocês têm que ir embora agora. É perigoso continuar aqui.

- Eu posso lutar com você, Baldric.

- Não vai adiantar nada se nós dois morrermos.

- Você não vai morrer.- Godric decidiu intervir.

- Eu morreria de qualquer forma. Lutando ou não.

Frigg não esperava por aquela resposta tão dura. Suspirou pesadamente.

- Eu tenho câncer, filho. Uma doença horrível. Que iria me matar de qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde. Os últimos exames não foram muito animadores...

- Por que você me escondeu?...- O menino pareceu chocado, levando alguns segundos para perguntar.

- Porque antes você não precisava saber. Mas agora precisa. Porque precisa viver. Por você, pela sua mãe, e por toda a nossa causa. A causa pela qual dei a minha vida.

Godric tentou evitar, mas não conseguiu. Explodiu no choro. Sua mãe o abraçou.

- Existem muitas formas de morrer. Algumas são sim melhores que outras. Mas se por algum milagre eu sobreviver...De qualquer forma é melhor vocês irem para um outro lugar, enquanto isso.

- Ir aonde?- Perguntou-lhe Frigg, embora já imaginasse a resposta, enquanto sentia um calor interno desagradável e um incômodo na garganta.

- Para a Força Principal, em Marte. Se eu conseguir sair dessa, vou ao encontro de vocês quando tudo estiver terminado. Não vemos a Rute há bastante tempo, mas você sabe que ela vai receber vocês de braços abertos. Além disso, tenho total confiança em Sung Li.

- Eu também tenho. Mas você deveria vir conosco. Se a Aquas está perdida, você deveria deixá-la para trás e se tratar lá. A Rute ainda nem sabe que você está doente.

- A Aquas também está, invadida por um terrível parasita, e não posso simplesmente deixar a infecção se espalhar. Além disso, se eu for agora, se perceberem que estou fugindo, se notarem a minha ausência, talvez chame a atenção. Acredito que eles estejam interessados em mim, sobretudo, pois sou o fundador da Aquas. Não quero que a minha família morra por minha causa.

Godric parara de chorar. Mas agora encarava o pai com raiva. Também sentia muito medo, ao pensar na morte. O que, afinal, significava morrer? Qual o sentido das coisas, se elas sempre acabavam, se os filhos perdiam seus pais?

Apesar daquele ressentimento evidente, Baldric se aproximou e abraçou os dois. Beijou a esposa, depois o menino. Uma forte